

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano 3



Atena
Editora
Ano 2019

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

As Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e
a Competência no Desenvolvimento Humano
3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|--|
| C569 | As ciências humanas e sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (As ciências Humanas e Sociais Aplicadas e a Competência no Desenvolvimento Humano; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-517-4 DOI 10.22533/at.ed.174190607 1. Antropologia. 2. Pluralismo cultural. 3. Sociologia. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco. CDD 301 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Atena editora apresenta o e-book “Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: Competências no Desenvolvimento Humano”.

São ao todo noventa e três artigos dispostos em quatro volumes e dez seções.

No volume 1 apresentam-se artigos relacionados as temáticas *Estado e Democracia; Gênero: desigualdade e violência; Identidade e Cultura e Perspectivas teóricas e produção de conhecimento*. As seções descritas possibilitam o acesso a artigos que introduzem o tema central do e-book, através de pesquisas que abordam a formação social brasileira e como é possível identificar o s r reflexos de sta na constituição do Estado, nos espaços de participação social, nas relações de gênero e constituição da identidade e cultura da população.

O volume 2 está organizado em três seções que apresentam relação e continuidade com o primeiro volume, em que são apresentadas pesquisas que trazem como objeto de estudo as políticas de saúde, de educação e de justiça e a relação destas com a perspectiva de cidadania.

Território e desenvolvimento regional: relações com as questões ambientais e culturais, é a seção que apresenta os artigos do volume 3 do e-book. São ao todo 20 artigos que possibilitam ao leitor o acesso a pesquisas realizadas em diferentes regiões do país e que apontam para a relação e especificidades existentes entre território, questões econômicas, estratégias de organização e meio ambiente e como estas acabam por interferir e definir nas questões culturais e desenvolvimento regional. São pesquisas que contribuem para o reconhecimento e democratização do acesso à riqueza da diversidade existente nas diversas regiões do Brasil.

Para finalizar, o volume 4 apresenta 23 artigos. Nestes, os autores elaboram pesquisas relacionadas a questão econômica, e como, as decisões tomadas neste campo refletem na produção de riqueza e nas possibilidade de acesso ao trabalho e renda. As pesquisas apontam também para estratégias identificadas a exemplo da organização de cooperativas, empreendedorismo, uso da tecnologia e a importância das políticas públicas.

As pesquisas apresentadas através dos artigos são de extrema relevância para as Ciências Humanas e para as Ciências Sociais Aplicadas, e contribuem para uma análise mais crítica e fundamentada dos processos formativos e das relações estabelecidas na atual forma de organização social, econômica e política.

Desejamos boa leitura e todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: RELAÇÕES COM AS QUESTÕES AMBIENTAIS E CULTURAIS

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| “BLINDSPOT”: PONTOS CEGOS DA DIMENSÃO AMBIENTAL EM UMA SEMIOSFERA | |
| Helio Fernando de Oliveira Junior | |
| DOI 10.22533/at.ed.1741906071 | |
| CAPÍTULO 2 | 10 |
| A VIDA QUE PULSA EM CIDADES E RIOS DA AMAZÔNIA | |
| Joristela de Souza Queiroz | |
| José Aldemir de Oliveira | |
| Rita Maria dos Santos Puga Barbosa | |
| DOI 10.22533/at.ed.1741906072 | |
| CAPÍTULO 3 | 22 |
| IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS CAUSADOS PELO CULTIVO DA MANDIOCA (<i>MANIHOT SCULENTA</i>) NA COMUNIDADE DE SÃO DOMINGOS – BRAGANÇA/PA | |
| Alciene Lisboa de Brito | |
| Helton Pacheco | |
| Ana Paula Cavalheiro de Andrade | |
| DOI 10.22533/at.ed.1741906073 | |
| CAPÍTULO 4 | 27 |
| EMPREENDEDORISMO SUSTENTÁVEL: ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO SÍTIO MOCOTÓ NA CIDADE DE VÁRZEA ALEGRE-CE | |
| Thays Barros Carvalho | |
| Márcia Maria Leite Lima | |
| DOI 10.22533/at.ed.1741906074 | |
| CAPÍTULO 5 | 39 |
| AS POSSIBILIDADES DO CICLOTURISMO PARA A REGIÃO DOS CAMPOS GERAIS DO PARANÁ – BRASIL | |
| Rubia Gisele Tramontin Mascarenhas | |
| Leandra Luciana Barbieri de Oliveira | |
| Gabriella Rister Luchini | |
| DOI 10.22533/at.ed.1741906075 | |
| CAPÍTULO 6 | 48 |
| IMPACTOS DA ATIVIDADE MINERADORA NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL: UMA ANÁLISE ACERCA DA NECESSIDADE DE CONTROLE SOCIAL | |
| Igor Eduardo dos Santos Araújo | |
| DOI 10.22533/at.ed.1741906076 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 7 | 56 |
| PAISAGEM E DESENVOLVIMENTO REGIONAL: UM ESTUDO A PARTIR DA REGIÃO HIDROGRÁFICA DOS RIOS CHAPECÓ E IRANI (RH2) | |
| Daiane Regina Valentini Janete Facco Manuela Gazzoni dos Passos | |
| DOI 10.22533/at.ed.1741906077 | |
| CAPÍTULO 8 | 69 |
| TERRA INDÍGENA MARÓ E CONFLITO SOCIOAMBIENTAL NA GLEBA NOVA OLINDA: UM OLHAR ETNOGRÁFICO | |
| Ib Sales Tapajós | |
| DOI 10.22533/at.ed.1741906078 | |
| CAPÍTULO 9 | 82 |
| MONÓLITOS DE QUIXADÁ/CE: UM LEGADO CULTURAL PARA O ECOTURISMO | |
| Hermógenes Henrique Oliveira Nascimento | |
| DOI 10.22533/at.ed.1741906079 | |
| CAPÍTULO 10 | 95 |
| A QUESTÃO URBANA E A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: RELATOS DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO PROGRAMA DE APOIO A REFORMA URBANA DA UFPA E O PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO URBANO E REGIONAL DA UFPR | |
| Eliza Maria Almeida Vasconcelos Maria Tarcisa Silva Bega | |
| DOI 10.22533/at.ed.17419060710 | |
| CAPÍTULO 11 | 105 |
| O (DES) ENVOLVIMENTO TERRITORIAL: A LUTA DOS AGRICULTORES FAMILIARES DE SEROPÉDICA-RJ POR SUA INCLUSÃO NO PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR | |
| Diná Andrade Lima Ramos Márcio de Albuquerque Vianna Lamounier Erthal Villela | |
| DOI 10.22533/at.ed.17419060711 | |
| CAPÍTULO 12 | 117 |
| PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL EM UMA COOPERATIVA DE CRÉDITO: O CASO DO SICREDI UNIÃO RS, AGÊNCIA DE SANTO ÂNGELO | |
| Pedro Luís Büttendender Ademir da Silva Dutra Ariosto Sparemberger Giovana Fernandes Writzl | |
| DOI 10.22533/at.ed.17419060712 | |

CAPÍTULO 13 132

AROMATERAPIA: ESTUDO DAS PROPRIEDADES DOS ÓLEOS ESSENCIAIS DE CANELA E CITRONELA APLICADOS A PRODUÇÃO DE SABONETES ARTESANAIS

Marina Serafim da Rocha
Giovanni Uema Alcantara
Caroline de Souza Rodrigues
Mayra Beatriz Stanize Martins dos Reis
Raquel Teixeira Campos
Marcelo Telascrêa

DOI 10.22533/at.ed.17419060713

CAPÍTULO 14 139

ESTUDO DA APLICABILIDADE DE RESÍDUOS ORGÂNICOS COMO ESSÊNCIA EM SABONETES ARTESANAIS

Afonso Poli Neto
Caroline de Souza Rodrigues
Fabiana Navas Reis
Laís Cabrerizo Vargas de Almeida
Luiz Gustavo de Moraes Gazola
Murilo Ferreira da Rua
Marcelo Telascrêa
Raquel Teixeira Campos

DOI 10.22533/at.ed.17419060714

CAPÍTULO 15 148

RESSIGNIFICAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS E SUA CONTRIBUIÇÃO NA REQUALIFICAÇÃO DA CIDADE: ESTUDO DE UM PARQUE DE EXPOSIÇÕES EM MANHUAÇU - MG

Bruna Agda Cezário Tuelher
Wagner de Azevêdo Dornellas

DOI 10.22533/at.ed.17419060715

CAPÍTULO 16 162

UM OLHAR PARA O FUTURO DO TURISMO NA PERSPECTIVA DO *TRADE* E PODER PÚBLICO – UM ESTUDO DE CASO NA CIDADE DE BALNEÁRIO CAMBORIÚ/SC

Ana Paula Cardoso
Gleiciane Cristina Selau
Marina Tété Vieira

DOI 10.22533/at.ed.17419060716

CAPÍTULO 17 173

UM RIZOMA DE TROCAS, EXPERIÊNCIAS E SENSIBILIDADES: NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE O COMÉRCIO DE AÇAÍ DO MARAJÓ DAS FLORESTAS

Daniel da Silva Miranda
Fernando Arthur de Freitas Neves
Ramiro Esdras Carneiro Batista
Sabrina Campos Costa

DOI 10.22533/at.ed.17419060717

CAPÍTULO 18 187

URBANIZAÇÃO DE ASSENTAMENTOS PRECÁRIOS E (IN) SUSTENTABILIDADE URBANA: CONTRADIÇÕES NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM (PA)

Marlon D'Oliveira Castro
Valéria Maria Pereira Alves Picanço

DOI 10.22533/at.ed.17419060718

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 19 | 206 |
| PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DE UMA CASA DE APOIO À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DE UM MUNICÍPIO DE SANTA CATARINA DIANTE DA VIOLÊNCIA SOFRIDA PELAS MULHERES E SUAS CONSEQUÊNCIAS | |
| Viviani Coelho | |
| Daiana Rosa da Silva | |
| Inea Giovana da Silva Arioli | |
| DOI 10.22533/at.ed.17419060719 | |
| CAPÍTULO 20 | 216 |
| PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES DE MARKETING EM RELAÇÃO AS ESTRATÉGIAS DE ENDOMARKETING® UTILIZADAS EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DA ZONA DA MATA MINEIRA | |
| Joyce Jane de Almeida Pereira | |
| Gean Cesar da Costa | |
| Andréia Almeida Mendes | |
| Fernando Albuquerque Miranda | |
| Reginaldo Adriano de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.17419060720 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 206 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 207 |

A VIDA QUE PULSA EM CIDADES E RIOS DA AMAZÔNIA

Joristela de Souza Queiroz

Universidade Federal do Amazonas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas
Manaus- Amazonas

José Aldemir de Oliveira

Universidade Federal do Amazonas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas
Manaus- Amazonas

Rita Maria dos Santos Puga Barbosa

Universidade Federal do Amazonas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas
Manaus- Amazonas

RESUMO: O artigo tem por finalidade apresentar algumas ideias sobre a importância dos rios como referência identitária em cidades da Amazônia, a partir de estudos bibliográficos e documentais, apresentados na disciplina A cidade e o urbano na Amazônia do curso de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia, ofertado pela Universidade Federal do Amazonas. Durante muito tempo e presente até os dias atuais, fomos sendo “enxertados” de metáforas tipicamente engrandecedoras e ilusionistas a respeito da descrição da Amazônia. Ideias como a Terra do El dourado, Jardim do Éden, Pulmão do Mundo, entre outras místicas, ligadas às questões regionalizadas e ruralistas. Os referenciais confundem a ideia de urbanização da região, aumentando o

paradoxo de entendimento do que foi, é ou está se construindo. Entender a realidade pressupõe ultrapassar preconceitos, interpretar por várias áreas do conhecimento, pois as diferentes cidades na região Amazônica não são só natureza, elas são socialmente produzidas no tempo e no espaço, são realidades concretas, produzidas por relações sociais, determinadas historicamente por gente que faz e se refaz a cada instante vivido, nos lugares onde os portos das beiras dos rios interligam a cidade e a floresta

PALAVRAS-CHAVE: cidade; Amazônia; urbano; rural

THE LIFE THAT PULSES IN CITIES AND RIVERS OF THE AMAZON

ABSTRACT: This article aims to present some ideas about the importance of rivers as an identity reference in Amazonian cities, based on bibliographical and documentary studies, presented in the subject The city and the urban in Amazonia of the PhD course in Society and Culture in Amazon, offered by the Federal University of Amazonas. For a long time and present to the present day, we have been “grafted” from typically engranding and illusionist metaphors about the description of the Amazon. Ideas such as the Land of the Golden

El, Garden of Eden, Lung of the World, among other mystics, linked to regional and rural issues. The references confuse the idea of urbanization of the region, increasing the paradox of understanding of what was, is or is being constructed. Understanding reality presupposes overcoming prejudices, interpreting for various areas of knowledge, because the different cities in the Amazon region are not only nature, they are socially produced in time and space, they are concrete realities, produced by social relations, historically determined by people who makes and restores every moment lived, in places where the ports of the rivers' rivers interconnect the city and

KEYWORDS: city; Amazônia; urban; rural

1 | INTRODUÇÃO

Pensar na Amazônia sob a ótica reducionista remete à mente a imagem da “floresta grandiosa e encantada”, onde os rios quase oceânicos escondem em suas profundidades todo o mistério mitológico que distancia a realidade da vida dos que ali vivem.

Ultrapassar esta visão, pressupõe compreender o processo e dinâmica de urbanização da Região Amazônica na perspectiva de preservá-la como local no qual a sociedade e a natureza interagem harmonicamente.

Iniciaremos nossas discussões apresentando a conceituação de cidade e urbano, dialogando com as observações apresentados por Sandra Lencione (2008), Henri Lefévre (1991) e Monte-Mór (2006).

Em consonância ainda em Lefévre (1991), o diálogo sobre o entendimento de que a floresta é um espaço socialmente produzido e possui múltiplas dimensões, que estão para além das representações simbólico-culturais, mas possuidora de valores e saberes particulares que a tornam parte da vida urbana.

Nortearmos nossas reflexões sobre o desenvolvimento da Amazônia, com base em alguns estudos feitos nas pesquisas lançadas no livro de Bertha Becker (2013) *A Urbe Amazônia: a floresta e a cidade*, que a princípio, revela que a região ficou à margem do Estado Brasileiro, passando por curtos períodos de crescimento, seguidos de longos intervalos de estagnação.

De forma breve apresentamos algumas discussões a respeito do paradoxo da atual urbanização da Amazônia, na perspectiva de John O. Browder e Brian J. Godfrey em sua obra *Cidades da Floresta: Urbanização, Desenvolvimento, e Globalização na Amazônia Brasileira*.

As dimensões dos espaços vividos na Amazônia serão contextualizadas na obra de José Aldemir de Oliveira (2000), *Cidades na Selva*, e sob o olhar etnográfico de experiências e vivências no contexto amazônico.

Mais do que um elenco de intenções esperamos poder contribuir com elementos que possam subsidiar novas reflexões e, assim fomentar novos caminhos que apontem para uma maior compreensão desta rica e complexa vida nas cidades

amazônicas.

2 | CONCEITUANDO CIDADE E URBANO

Os esforços empreendidos neste estudo foram também o de conhecer em que moldes, os diferentes autores, apresentam o processo de urbanização da Amazônia, mas para isso, convém apresentar inicialmente, o conceito de “cidade” e “urbano” tendo como referência à realidade brasileira, observada por Lencione (2008), em que enfatiza a necessidade em dividir partes da totalidade para iniciação de análise e elaboração de sínteses mais aprimoradas.

É importante lembrar que os conceitos são apenas referências para nortear a análise e compreensão da essência do objeto de estudo, das leis, dos fenômenos, enfim, são instrumentos que dão suporte para construção, transformação ou aprimoramento dos conhecimentos.

A autora apresenta algumas observações a respeito dos conceitos: a) os conceitos são exercício do pensamento sobre o real, que existe independente do pensamento sobre ele ou sobre o objeto real; b) eles são apenas uma forma de refletir sobre o objeto; c) são simultaneamente, objetivos e subjetivos; d) não há identidade entre o conceito e o real ao qual ele se refere; e) existem em movimento; f) não existe sem uma definição g) exige nexos com relação a outros conceitos.

Dito isto, é preciso que fique claro que a palavra pode ter diferentes significados, no entanto, o conceito em tese, não. Como significados gramaticais e etimológicos os termos cidade e urbano, sugerem diferentes conceituações, dependendo do contexto em que as mesmas estão configuradas, mas aqui, no estudo, trataremos o termo *cidade* voltado para a realidade concreta, como aglomeração, como forma, dimensão e estrutura e o termo *urbano* como algo subjetivo ligado ao modo de ser que caracteriza uma sociedade em transformação.

Definir cidade não é tão fácil assim, visto que o termo foi utilizado historicamente, com caracterizações específicas para cada momento. Para Lencione (2008), cidade:

[...] não importando sua dimensão ou característica, é um produto social que se insere no âmbito da “relação do homem com o meio” – referente mais clássico da geografia. Isso não significa dizer, todavia, que estabelecida essa relação tenhamos cidades. Não importando as variações entre cidades, quer espaciais ou temporais há uma idéia comum a todas elas, que é a de aglomeração. (p. 115)

Pensar em cidade como objeto direciona à várias ideias formuladas no arcabouço histórico em que ela foi se constituindo, geralmente voltada para algo concreto, não importando a dimensão ou característica, trata-se de um “produto social” inserido na relação estabelecida entre o homem e o meio em que está inserido, daí advêm os termos associados às ideias de aglomeração e de sedentarismo. “O fato da aglomeração sedentária conter população voltada para as atividades do campo não compromete o sentido da cidade que pode estar presente no aglomerado”

(LENCIONE, 2008, p.116), assim as cidades são produtos de determinações sociais dentro de uma perspectiva histórica.

Poderíamos chegar às diferentes reformulações, mas especificamente, falando da cidade no Brasil a questão da aglomeração está caracterizada pela presença de mercado, onde existe administração pública que regulariza o sistema de troca. De acordo com Monte-Mór (2007, p. 19) “[...] legalmente as cidades são definidas por seus espaços, seus perímetros urbanos municipais e territoriais”.

A ideia de “urbano” apontada por Lencione (2008) é de que trata-se de um fenômeno. Lefebvre (1999) relaciona este conceito à ideia de sociedade capitalista industrial, no entanto, é preciso desvendar os detalhes desta relação histórica entre o “urbano e o capital”, pois no Brasil o urbano precisa ser entendido, a partir dos marcos históricos.

Para Monte-Mór (2007, p.14) “O urbano é uma síntese da antiga dicotomia cidade–campo, um terceiro elemento na oposição dialética cidade–campo, a manifestação material e socioespacial da sociedade urbano-industrial contemporânea, estendida, virtualmente, por todo o espaço social”.

O mesmo autor afirma ainda que há um rito de passagem da cidade ao urbano que foi marcado pelo crescimento da indústria onde a produção ganhou destaque e o proletariado passou a ocupar espaço também de poder, porém subordinado à lógica do capital da indústria.

3 | BERTHA BECKER E SEU OLHAR SOBRE A CIDADE E OS SURTOS DE DESENVOLVIMENTO

Oras, visto sob esta perspectiva não poderíamos deixar de apontar em nossos escritos, mesmo que de forma despretensiosa uma breve análise feita por Bertha Becker (2013) em sua obra *A urbe amazônica: a floresta e a cidade*, onde a autora faz abordagens a respeito da origem das cidades amazônicas à luz das teorias de Jane Jacobs e na metodologia de Peter Taylor, onde as cidades identificam-se como indústrias motoras de crescimento econômico, enfatizando que a história remonta fatos em que a Amazônia ficou à margem do Estado e dependendo das demandas das grandes metrópoles e de países estrangeiros, até talvez, por sua ocupação europeia ser tardia em relação às outras regiões do Brasil.

Por conta desta dependência foram poucos os momentos identificados como áureos de crescimento, no entanto, seguidos por longos anos de estagnação e letargia, o que não ocorreu em outros estados do Sudeste, por exemplo. A autora destaca que:

Direcionadas pelo mercado externo, as urbes amazônicas cresceram devido ao comércio de importações praticamente sem substituição, justamente o trabalho novo capaz de dinamizar as cidades e a economia. Pois que o verdadeiro trabalho novo, capaz de direcionar o mercado não estava localizado nessas urbes, mas

sim nas cidades que comandavam a economia, remetendo às relações entre as cidades. (BECKER, 2013, p. 38)

Com isso, emergiram novas divisões de trabalho, mas sem aumento igualitário de distribuição de riqueza. Inicialmente, apenas índios escravizados e alguns negros também escravizados, que aviltados e castigados, promoveram intensas rebeliões. “Não houve, pois condições nem de acessibilidade e, nem de recursos econômicos e políticos para que as cidades pudessem se consolidar e crescer, e muito menos para que organizassem estruturas regionais.” (BECKER, 2013, p.11)

Com diferentes conflitos e o êxodo como mote, surge então, a mão de obra nordestina como sustentáculo dos surtos nos ciclos da borracha, castanha, criação de gado etc. A descontinuidade e a falta de dinamismo, contribuíram para o não desenvolvimento da região.

As dificuldades enfrentadas pelos núcleos urbanos na região permanecem nos dias de hoje, o que não dá para entender uma vez que os núcleos urbanos foram centrais no processo de colonização da Amazônia.

Dito isto avancemos em algumas reflexões acerca do contexto das cidades amazônicas.

4 | O FENÔMENO URBANO DA AMAZÔNIA E AS DIFERENTES CONCEPÇÕES

Compreender o processo de urbanidade na Amazônia tem sido a tônica de muitas pesquisas e embates teóricos, a complexidade da vida urbana remete a diferentes entendimentos, por hora apontamos alguns descritos por Trindade Júnior (2013) em um trabalho publicado pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), onde ele apresenta algumas teses defendidas por alguns autores:

- a. Becker (2004) defende a tese de “Selva Urbanizada” afirmando que trata-se de um fenômeno que está diretamente ligado à expansão da fronteira econômica, que já nasce urbana.
- b. Browder & Godfrey (1997) entendem como “Urbanização polimorfa e desarticulada” e assim, existem diferentes formas de interação socioespaciais e de formações microssociais híbridas como elementos marcantes da urbanização regional.
- c. Hurtienne (2001) argumenta a tese de “Urbanização estatisticamente descriteriosa” onde existe um patamar de cerca de 20.000 habitantes para definição do rural e do urbano na Amazônia.
- d. Machado (2000) acredita na “Tendência à ruralização” onde os municípios de formação recente tendenciam em predominância à ruralidade.
- e. Monte-Mór (2004) em sua tese enfatiza que há uma “Urbanização extensiva” para além das cidades, por meio dos valores e modos de vida

- f. Oliveira (2000) diz que há “Difusão da sociedade urbana” no modo de vida urbano, mas não do domínio da cidade na paisagem.

Como se pode observar nos argumentos das teses referenciadas, há posicionamentos divergentes quanto à questão da urbanização da Amazônia. Por certo, temos que a Amazônia possui grande diversidade, ela é por excelência um espaço de encontro entre sujeitos sociais que são distintos e que se fazem no tempo e no espaço, onde há conflitos e muito ainda a ser desvendado.

Muitos problemas urbanos continuam sem a atenção devida na Amazônia, ao observamos a dinâmica nas pequenas cidades, verificaremos que alguns destes entraves estão relacionados à infraestrutura, serviços básicos de saúde, crescimento desordenado, surgimento de espaços favelados, o que conseqüentemente, contribui para o surgimento de novos problemas nas áreas sociais e ambientais.

Browder e Godfrey (2006) ressaltam que esta realidade urbana complica a criação e implantação de políticas públicas urbanas mais eficazes e que correspondam às necessidades da população. Os autores destacam que existe uma mediação na vida urbana e esta compreende o campo, a natureza e a cidade, por este motivo a aldeia e sua relação com a cidade está muito longe de ser conhecida em sua totalidade.

A relação cidade e campo se transforma “A cidade expandindo-se adentra-se ao campo modificando o modo de vida dos que ali vivem [...] As aldeias se ruralizam perdendo a especificidade camponesa. Alinham-se com a cidade, porém resistindo-a às vezes, dobrando-se ferozmente sobre si mesmas.” (BROWDER e GODFREY, 2006, p. 74)

As dimensões da produção dos espaços urbanos da Amazônia são exemplos complexos que exigem dos pesquisadores fundamentações rigorosas em suas avaliações e estudos, para que não se cometa o deslize de homogeneizar as cidades na Amazônia ou em um lugar qualquer, pois elas possuem tempos diferenciados e se constroem agregando valores inerentes à sua cultura local o que irá caracterizar suas estratégias nas questões econômica, social e política.

Na obra *Cidades na Selva* de José Aldemir Oliveira (2000), o autor discute a respeito da cidade, chamando a atenção para o olhar para além do aparente, enfatizando que os espaços que são construídos, reproduzem-se no cotidiano de quem o constrói, onde existem vivências na produção deste espaço e do tempo vivido, onde a ênfase maior está nos indivíduos que constroem este espaço. Ainda em Oliveira (2000, p. 20) “Na Amazônia, mas do que em qualquer lugar, a memória não se encontra no espaço que se está construindo, mas nos seus construtores, pois cada fragmento do que se produz contém uma parte de quem o faz [...]”.

As diferentes formas de acesso dão às cidades o motor diferenciado para sua forma de produção e subsistência. Na Amazônia, muitas cidades têm ligações por vias terrestres ou aéreas, mas é pelos rios que grande parte se comunica e se interliga para os grandes centros urbanos. “O processo de produção do espaço

ocorre a partir da ação de todos esses atores e da relação entre si e com a natureza [...]”. (OLIVEIRA, 2000, p.20).

5 | IDENTIDADE DE LUGAR: O RIO COMO ESPAÇO DE REFERÊNCIA IDENTITÁRIA

As discussões em torno do tema identidade a colocam como um tema complexo, cujas características se constituem, segundo Mourão e Cavalcante (2011) em um processo dinâmico e multável que acontece ao longo da vida de indivíduo.

Além das características de identidade pessoal, específicos de cada pessoa, há também a referência à identidade social que cada um adquire no decorrer de suas experiências vividas em grupos sociais, que o fazem pertencer a categoria específica como, étnicas, profissionais, de gêneros, entre outras.

O lugar onde o indivíduo nasceu, vive ou viveu torna-se elemento importante, para definição da identidade, o que faz diferença é o significado que cada momento vivido tem para a pessoa, o sentido de pertencimento e conexão no espaço-temporal.

É relevante destacar que na Amazônia, muitas cidades têm ligações por vias terrestres ou aéreas, mas é pelos rios que grande parte se comunica e se interliga para os grandes centros urbanos. Oliveira (2000, p.20) enfatiza que “O processo de produção do espaço ocorre a partir da ação de todos esses atores e da relação entre si e com a natureza [...]”.

Buscar aprofundamento teórico sobre a identidade de lugar é, sem dúvida, uma condição necessária de quem vive no espaço amazônico, pois nos últimos anos, tem sido muito recorrente a identificação da Amazônia Brasileira como algo distintamente descontextualizado à vida dos que aqui vivem, geralmente, muitas interpretações são estereotipadas e associadas às representações e à imagem da floresta como se ela fosse um elemento à parte de toda região.

A ideia que se faz das populações amazônicas que vivem às margens dos rios e a força da imagem social construída a partir da figura do ribeirinho é uma personificação típica regional que nos lembra a importância dos rios para a formação de todo um contexto histórico-geográfico-cultural.

O rio surge como elemento importante tecendo e servindo como elo no estabelecimento de relações na vida das pessoas, configurando-se mudanças a partir de um padrão espaço-temporal que implicaram em diferentes modos de produzir e existir.

Compreender as relações de indissociabilidade entre os indivíduos e a floresta na contemporaneidade requer um esforço enorme em buscar também entender a diversidade amazônica e todo processo de construção desde o período de colonização da região.

Por certo temos que a construção das múltiplas identidades traz a identificação, os sentimentos de pertencimento e estranheza vividos no decorrer de nossa

existência, são eles que marcam o processo de desenvolvimento da autoidentidade e da identificação no mundo.

Especificamente, em se tratando do estado do Amazonas, a maior parte das cidades, formou-se às margens dos rios, a estrutura, geralmente, possui características peculiares. A igreja bem a frente, próxima ao porto da cidade, como um símbolo da organização no período de colonização.

Até a década de 1969, as fortes ligações das pequenas cidades com a dinâmica de circulação dos rios, conferiu, segundo Saint Clair (2013) fortes elos com a natureza, com a vida no campo ainda pacata, ligadas às questões rurais e com o “ritmo de floresta” com baixa exploração.

Oliveira (2000, p. 35) de forma poética descreve as cidades situadas às margens dos rios “Assim vista do rio, a cidade parece um quadro emoldurado pela folhagem verde escura das mangueiras enormes e das palmeiras majestosas que lhes guarnece as beiras”.

Isto lembra as diferentes viagens feitas durante experiência no Programa de Formação de Professores / Parfor, pela Universidade Federal do Amazonas, em que alocados nos mais diferentes e longínquos municípios participamos como docente.

A paisagem vista da beira do rio ao aportarmos no Porto de cada cidade, exemplifica detalhes descritos tal qual os apresentados na obra deste autor, que em sensível olhar para além das aparências descreve a vida que pulsa nas cidades “ribeirinhas”.

Notadamente, evidenciam-se espaços produzidos pelos homens amazônidas em um processo de produção em que sua condição humana os conduz a novos modos de vidas. Estes diferem é claro os de outrora em que havia preocupação bem maior em produzir meios próprios para sua própria subsistência.

Diferentemente, podemos dizer que nas pequenas cidades onde o acesso ainda é muito difícil por conta de questões geográficas, alguns modos de vida e produção permanecem arraigados não só em memória, mas latente no cotidiano dos indivíduos.

A relação com os outros ainda é de pertencimento aquele local, de partilha de comunidade, de produção muitas vezes compartilhada, a exemplo “a farinhada de meia”, a pesca no “lanço”, entre outras coisas, que já diferem dos grandes centros urbanos, onde o capital é o nuance das relações.

6 | O OLHAR INVESTIGATIVO

Nossas reflexões neste trabalho se deram com base em pesquisa bibliográfica, com suporte teórico selecionado para a disciplina A cidade e o urbano na Amazônia, no Curso de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas no ano de 2018.

Os objetivos encaminharam-se para compreensão da cidade enquanto materialização do processo de trabalho e o urbano como modo de vida, produzidos por meio das necessidades, contradições e aspirações da sociedade, além de buscar analisar os processos de produção da cidade e do urbano no Brasil e na Amazônia, articulando na medida do possível, o estudo específico de cada aluno à compreensão teórica da cidade e do urbano na Amazônia.

Realizamos trabalho de campo nas ruas do centro da cidade de Manaus, registrando tudo, como forma de observamos e posteriormente, descrevermos os diferentes nuances da vida cotidiana na cidade, relacionarmos as mudanças ocorridas, com base em contextos históricos estudados em diferentes textos, desde o período de colonização até os dias atuais.

7 | O ESPAÇO VIVIDO

No trabalho de campo pudemos caminhar pelo centro da cidade Manaus com olhar investigativo do que foi, é e pode se transformar, ao observarmos as medidas adotadas pelo poder público.

Registramos tudo com fotos, filmagens e anotações em caderno de campo, apresentamos abaixo, algumas imagens das visitas em alguns espaços históricos e movimentações do grande centro urbano.

Com estudos teóricos e o trabalho de campo desenvolvido, compilamos ideias que foram elencadas nestes escritos de produção textual e em forma de crônica literária para qual apresento como resultado desta construção teórica.

Manaus, a capital das águas...

“Não supunha, que naquela manhã de sábado, iria vivenciar, momentos memoráveis, dos quais ficariam, com certeza, guardados no primoroso baú de belas lembranças.

A caminhada não é tão simples quando se lança um olhar de curiosidade investigativa, esta que por ora, havia sido instigada por um professor de Universidade Pública, no Curso de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia, um caminhante, visivelmente, apaixonado pela cidade e seus espaços, para ele “ver a cidade é encontrar-se consigo”.

Em uma manhã ensolarada, na majestosa capital das águas, Manaus, cidade banhada pelo Rio Negro. Contemplar, observar, descrever, dialogar com obras estudadas, era parte da missão, por certo tenho, que no fundo mesmo, o primordial era reconhecer o que se tem de maior valor, a história, no tempo e no espaço.

O ponto de partida, a Praça Antonio Bittencourt, esta que em 1942 recebeu o nome de Praça do Congresso devido ao Congresso Eucarístico ali realizado. Nela, o imponente busto de Eduardo Ribeiro que fora implantado em 1995.

As horas passam e de diferentes ângulos vemos o apressar dos passos das

pessoas que se dirigem aos seus locais de trabalho, de estudo e de afazeres. Bem, se vê em muitos, o olhar despercebido diante das “coisas” da cidade, a pressa é amiga da sua feição.

Nas ruas, nos cantos, nos muros, nas vielas, o cheiro mal fazejo às nossas narinas ajudam a denegrir a imagem da antiga Belle Epoque. As casas tão ricas de detalhes, deteriorados pelo tempo e pelo abandono, encontram-se infiltradas, em meio, aos emaranhados fios que contrastam com algumas, poucas e frondosas árvores, na “cidade de pedra”.

Oras, por que não lembrar em que contexto se deu a construção deste espaço? O espaço urbano nunca significou um espaço transformado para todos, pois era palco de alguns poucos privilegiados, a população mais pobre estava sempre à margem. Mas se Manaus da época da borracha era a cidade dos poderosos e, agora, nesta época, ela pertence a quem?

Rito de passagem é dar um passeio pela Praça da Saudade ou Praça 5 de setembro, ela foi criada no século XIX, seu espaço tão bonito entra em desarmonia com as pichações, apelidadas por alguns de arte moderna.

Em meio à praça observamos barracas de acampamento, lembrei de uma reportagem sobre este fato, assistida no dia anterior, tratam-se de venezuelanos e colombianos, fazendo do espaço da praça, lugar de sua morada. Dai vem na mente, onde fazem suas necessidades mais básicas? Fica a indagação, como mote para reflexões e questionamentos acerca de como o poder público lida com esta situação.

Quem diria que logo à frente da praça, onde encontra-se a Sede do Rio Negro era um antigo cemitério chamado São José, este fora desativado em 1865, por conta do cólera, bem verdade, que há quem acredite em “visagem”, e, se soubesse deste enredo da história, não se arriscaria a sentar-se nos bancos da praça, altas horas da noite. (risos)

Bom, sigamos em frente pois é longa a caminhada, em meio a buracos e lixos espalhados nas esquinas, observo o professor de forma saudosa, lembrar dos velhos comerciantes, da Casa Dias e destacar o porto próximo às mercearias, o rio teve e tem a sua importância na economia.

Não passa despercebido o transitar dos carros, motos e ônibus lotados com personagens visivelmente com olhar fitados nas coisas e também perdidos nos mais remotos pensamentos.

De repente, um susto...ele se dá conta da falta dos valiosos mármore de lios nos pequenos pedaços de calçadas que ainda restam, poderiam ter sido tirados para a venda, não sei, ocorre que agora, a história terá que ser contada, para que não se apague, ou se perca com o vento.

A capacidade de refletir a tudo é sempre interrompida pelo barulho de alguém que grita e faz propaganda de algo das lojas, informando as promoções e os preços ou pelas agudas e ensurdecedoras buzinas dos carros comandado pelos impacientes que exigem de certa forma uma atenção no trânsito caótico.

Muro de lamentações? Não!!!

Na cidade há também muitos espaços conservados e outros que às duras penas resistem a ordem do tempo, bem lembrar, o imponente pico do Teatro Amazonas, visto de longe, como uma linda obra prima que esconde nos relatos de sua construção o fatídico trabalho daqueles que contribuíram para o monumento que ajudaria no “embelezamento da cidade”.

Creio que com a importância com que tratam os espaços públicos, em breve alguns deles serão parte integrante, apenas de boas lembranças, ou não!

O que fica arraigado em minh’alma por hora é o desalento no olhar de quem tanto conheceu e que por hoje procurou com paixão e não encontrou mais, tudo o que um dia a história contou”.

8 | BREVES CONSIDERAÇÕES

Buscar aprofundamento teórico nesta temática é, sem dúvida, uma condição necessária de quem vive no espaço amazônico, pois nos últimos anos, tem sido muito recorrente a identificação da Amazônia Brasileira como algo distintamente descontextualizado à vida dos que aqui vivem, geralmente, muitas interpretações são estereotipadas e associadas às representações e à imagem da floresta como se ela fosse um elemento à parte de toda região.

O rio tem sua importância neste contexto histórico, a força da imagem do ribeirinho construída no imaginário social mostra sua personificação no enredo histórico, geográfico e cultural da região ele confere um ethos e um ritmo à vida regional.

Compreender as relações de indissociabilidade entre os indivíduos e a floresta na contemporaneidade requer um esforço enorme em buscar também entender a diversidade amazônica e todo processo de construção desde o período de colonização da região.

As ideias são diversas, daí advém a complexidade, o que tem pautado debates políticos e acadêmicos que estão, por certo, longe de atingirem um um resultado final, no entanto, os diferentes âmbitos ideológicos, fomentam reflexões e estas podem apontar caminhos mais exequíveis para compreensões mais próximas da realidade.

Acreditamos com os argumentos expostos ter de alguma forma contribuído para o estabelecimento de diálogos mais abertos, em que a compreensão das ideias estejam para além de sentidos metafóricos, pois compreender a Amazônia não é algo tão simples, requer um esforço muito grande do pesquisador.

Isto pressupõe buscar elementos nos arcaibouços teórico-histórico-metodológico, nas fundamentações com base no rigor científico ou até mesmo nas potencialidades endógenas assentadas na vida cotidiana das populações urbanas e nas formas como elas articulam-se com o ecossistema no qual são peças inerentes

do existir.

Este é o desafio a caminho, em serviço, para qual demos ênfase a querida cidade de Manaus, para qual nos vemos inseridos e imersos em reflexões profundas diante de tanta diversidade e complexidade para resoluções de tantos problemas.

Há um longo caminho a percorrer, somos frutos de nossas escolhas e para as quais, em tempos de “crise”, não há espaço para omissão, comodismo ou papéis coadjuvantes, se queremos mudanças e melhorias, sejamos nós a mudança e, esta começa por aqui, por reflexões e imersões na realidade, pelo sentimento de pátria e acima de tudo, pelo sentimento de **pertencimento**.

REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha. **A urbe amazônica**: a floresta e a cidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

BROWDER, John O. & GODFREY, Brian J. **Cidades da floresta**: urbanização, desenvolvimento e globalização na Amazônia Brasileira. Manaus: EDUA, 2006. (Cap. 2). 7ªed.

HARVEY, David - **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 27-66.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LENCIONI, Sandra - **Observações sobre o conceito de cidade e urbano**. GEO-USP - Espaço e Tempo, São Paulo, n. 24, 109-123, 2008. http://www.geo-grafia.fflch.usp.br/publicacoes/Ge-ousp/Geousp24/Artigo_Sandra.pdf

SCHOR, Tatiana; OLIVEIRA, José Aldemir de; MORAES, André de Oliveira e SANTANA, Paola Verri de - **Apontamentos metodológicos sobre o estudo de cidades e de rede urbana no Estado do Amazonas, Brasil**. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá, v. 9, n. 1, p. 09-35, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs>

MONTE-MÓR, Roberto Luís. **O que é o urbano no mundo contemporâneo**. REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO, Curitiba, n. 111, p.09-18, jul./dez. 2006. http://www.ipardes.gov.br/webisidocs/docs/rev_pr_111_roberto.pdf, acesso em 13/01/2013.

OLIVEIRA, José Aldemir – **Cidades na selva**. Manaus: Valer, 2000 (Cap. 1).

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **Das “cidades na floresta” às “cidades da floresta”**: espaço, ambientes e urbano diversidade na Amazônia Brasileira. Belém: UFPA/NAEA, Papers do NAEA,

SOBRE A ORGANIZADORA

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE - Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2003), pós-graduação em Administração Pública pela Faculdade Padre João Bagozzi (2008) é Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2013), Doutora em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG. Assistente Social da Secretaria de Estado da Família e Desenvolvimento Social - Governo do Estado do Paraná, atualmente é chefe do Escritório Regional de Ponta Grossa da Secretaria de estado da Família e Desenvolvimento Social, membro da comissão regional de enfrentamento às violências contra crianças e adolescentes de Ponta Grossa. Atuando principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, medidas socioeducativas, serviços socioassistenciais, rede de proteção e política pública de assistência social.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura familiar
Alimentação escolar
Amazônia
Aromaterapia
Assentamentos precários
Atividade mineradora

C

Cicloturismo
Controle social
Cooperativa de crédito
Cultura

D

Desenvolvimento regional
Desenvolvimento territorial

E

Ecoturismo
Empreendedorismo sustentável
Etnografia

I

Impactos socioambientais

M

Meio ambiente
Monólitos

O

Óleos essenciais

R

Reforma urbana
Resíduos orgânicos

Ressignificação de espaços públicos

Rizoma

S

Sabonetes artesanais

Semiosfera

Sustentabilidade ambiental

T

Terra indígena

Território

Turismo

U

Urbanização

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-517-4



9

788572 475174